

**COMO A DIVERSIDADE NAS ESCOLAS DA INFÂNCIA É
TRATADA NAS PESQUISAS: O OLHAR DA SOCIOLOGIA DA
INFÂNCIA E A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE**

Gabriela Hanna Santos Souza ¹
Maria Patrícia Costa de Oliveira ²
Adir Luiz Ferreira ³

RESUMO

Este estudo discute a educação para a diversidade na infância durante o período de escolarização, assim como a formação docente sobre essa questão. Assumiu-se a diversidade na infância a partir do conceito de criança como sujeito social pleno, interativo e criativo, inserido na categoria geracional da infância, uma estrutura social permanente. Também nos preocupamos em analisar a contribuição da formação docente inicial para o trabalho escolar das questões da diversidade na dimensão infantil, com conceitos teóricos e conhecimentos aplicados. As discussões da Sociologia da Infância acerca da diversidade na infância e formação docente se embasaram em Qvortrup, Corsaro, Formosinho, Sarmiento e Sirota. Para os dados empíricos, foram feitas entrevistas com professoras em espaços da educação infantil e do ensino fundamental I da rede escolar pública de Natal-RN. As professoras mostraram ter um claro entendimento geral sobre o que significava a diversidade social na infância, assim como sobre o papel da escola nisso. Entretanto, relataram que no período da formação inicial o tratamento sobre o tema foi insuficiente, e que um melhor entendimento sobre diversidade não resultou do curso de pedagogia, mas, sim, foi atribuído à vivência e prática na escola, ou ao contato com colegas. Ficou evidente que as carências na formação inicial não impediu que as professoras desenvolvessem a familiaridade com a diversidade e com suas intersecções na escola da infância. Contudo, caso a prática docente com a educação da diversidade social fosse um dos eixos privilegiados pela formação para a escola da infância, os resultados poderiam ser mais efetivos e integrados. Esta pesquisa buscou contribuir para a discussão da diversidade no mundo social da infância, sob a perspectiva da sociologia da infância e sobre o campo da formação docente.

Palavras-chave: Diversidade, Formação Docente, Educação da infância, Sociologia da Infância.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia UFRN, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq do grupo Escola Contemporânea e Olhar Sociológico - ECOS UFRN/CE, hanna.souza.124@ufrn.edu.br.

² Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGED/UFRN, patricia.oliveira@ufrn.com.

³ Professor orientador: Professor titular do DFPE/UFRN. Coordenador do Grupo ECOS-Escola Contemporânea e Olhar Sociológico. admir.ferreira@ufrn.br



INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende apresentar resultados sobre a diversidade durante o período da infância, sobretudo sua presença ou sua ausência na educação básica (educação infantil e ensino fundamental, anos iniciais). Os objetivos da pesquisa foram os de analisar se os estudos sobre o papel de docentes da educação da infância na socialização da diversidade utilizam as referências da Sociologia da Infância; e, se eles consideram se, nas interações cotidianas entre pares e com docentes, contribuem de forma coerente e inclusiva com a educação para a diversidade entre as crianças. Buscou-se também identificar se a formação inicial docente teria tido importância em suas práticas escolares sobre a diversidade

O estudo partiu do princípio de que a socialização nas instituições escolares deveria refletir a diversidade que acontece na sociedade contemporânea, sendo essencial que se aborde questões relacionadas à temática, já que a cultura da infância e a formação do sujeito social da criança se constitui a partir das experiências vividas no âmbito escolar e fora dele. De acordo com essa necessidade crescente, o campo científico da sociologia e da educação têm aumentado o interesse em pesquisas que visem estudos críticos das estruturas e de interações sociais que explorem o reconhecimento da subjetividade e o convívio com as diferenças, evitando a fragmentação das identidades entre os indivíduos e sua vida social comum.

Segundo Sirota (2019), a complexidade contemporânea, marcada pela influência da grande difusão de informações pelas redes sociais, do mesmo modo influenciou na falta de clareza sobre um entendimento social e educacional da infância. Por isso, é necessário que se incorpore, na formação e na prática docente, abordagens científicas fundamentadas sobre a temática da diversidade na infância, incluindo igualmente o conceito de criança como: ator social pleno, interativo e criativo; e, sujeito inserido na categoria geracional da infância, uma estrutura social permanente. Esses pressupostos constituem a base do nosso referencial teórico, baseado nas teorias e conceitos da sociologia da infância contidos nas obras de Qvortrup (2010), Corsaro (1997), Formosinho e Formosinho (2018), Sarmiento (2004) e Sirota (2019).

A pesquisa de campo foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa



utilizando entrevistas estruturadas, enviadas e respondidas de forma remota através do aplicativo Google Forms. A característica marcante de uma abordagem sociológica e qualitativa é a de compreender, a partir do entendimento dos sujeitos sobre suas próprias experiências, os significados atribuídos às suas percepções e ações no mundo da vida natural. Nessa ótica, perguntamos sobre as impressões das docentes sobre a respeito da importância de se incluir a diversidade na educação da infância, bem como isso se refletiria em suas práticas cotidianas.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido por meio de abordagem qualitativa, estudo de campo, revisão bibliográfica, utilizando entrevistas estruturadas e observação participante. As entrevistas estruturadas foram realizadas com os participantes, docentes da rede pública de Natal-RN. Um roteiro estabelecido com perguntas formuladas e apresentadas da mesma forma para todos os sujeitos da pesquisa, permitindo assim a comparação mais sistemática e objetiva das respostas. Além disso, durante e depois da coleta de dados, foram realizadas leituras bibliográficas que corroboram teoricamente as nossas conclusões.

REFERENCIAL TEÓRICO

O debate sobre as infâncias existem desde Durkheim e Bussoim, como Sirota (2019) postula em seu textos, esses sociólogos enxergavam a infância apenas como um vir a ser, vir a ser algo, no caso um adulto. Entendiam este período da vida como frágil e que precisaria ser moldada, visto que consideravam a criança como uma folha em branco. Porém, essa discussão se amplia à medida que as relações sociais da infância passam a ser vistas como associadas a estruturas mais profundas. Como destaca Régine Sirota(2019):

A infância é considerada como uma forma estrutural, constante, mas variável no tempo e no espaço. No tempo, quer dizer, conforme os períodos históricos: que se pense nos múltiplos modos de fabricação do bebê da nossa sociedade contemporânea. E no espaço, pois a infância se conjuga ao mesmo tempo no plural, seja entre países do Sul e do Norte, nas formas familiares cada vez mais complexas e nas situações de desigualdades longe de terminar (Sirota, 2019, p.4).

Para Corsaro (1997), as crianças apresentam uma formação sócio bilateral, que



significa nesse caso que afetam e são afetadas pelo meio social em que vivem. Essa concepção relaciona-se com dois conceitos da sociologia da infância, já citados: as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto; a infância é parte da sociedade. Essas concepções permeiam a construção do significado de infância para os sociólogos da Sociologia da Infância. Como também, afetam a realidade das escolas, incluindo a convivência com a diversidade social, que é o campo onde coexistem a experiência das crianças e as práticas docentes.

Qvortrup (2010) aborda que a diversidade é uma tendência neoliberal que promove a fragmentação das categorias sociais, causando uma dispersão da coletividade. Ao se tratar da infância, seu principal argumento “é que, antes de tomar o caminho da verificação de nossas diversas infâncias, precisamos chegar a um acordo quanto ao que é a infância como categoria” (Qvortrup, 2010, p. 1132). Ou seja, o que importa não é multiplicar as infâncias para compreendê-la e conceituá-la quando a delimitamos como objeto de estudo, como é feito a luz das categorias clássicas da sociologia, como classe, gênero e etnia. E sim, se deve ter como ponto de partida que as crianças compõem uma coletividade que fazem parte de uma ordem geracional. Porém, são ignoradas pelos adultos sujeitos que compõem a ordem geracional oposta e dominante. Sobre os riscos da diversidade o autor argumenta:

A dedicação à “diversidade da infância” implicará necessariamente considerar uma série de marcadores de identidade, em princípio, infinitos. Em minha opinião, é um caminho duvidoso, porque nos diverte do que é característico da infância como categoria social (Qvortrup, 2010 p.1127).

Conforme Formosinho e Formosinho (2018) é necessário a humanização do ensino, de forma a não supervalorizar a escola pois sabemos que ela convive nesse processo de humanização dos sujeitos com outras instituições igualmente importantes – a família, a comunidade local, as igrejas, os centros de saúde, os clubes desportivos, as associações culturais e recreativas etc. Nesse sentido, evocamos os autores quando se fala do processo de formação de profissionais da educação:

Formar profissionais de desenvolvimento humano implica cuidar do contexto relacional em que são formados, entendendo esse contexto formativo como portador de um currículo de processos tão impactante na construção da identidade profissional como o currículo de conteúdos (Formosinho; Formosinho, 2018, p.20).



Assim, a discussão sobre a diversidade na educação da infância também poderia se alimentar das reflexões da sociologia da infância, considerando as estruturas de tempo e espaço que definem a especificidade do mundo infantil, a condição de sujeito ativo das crianças e o processo de humanização que a escola lhes permite. Ao mesmo tempo, devemos compreender a realidade de categorias sociais como classe, gênero e etnia, sendo preciso reconhecer que não devemos fragmentar a categoria básica de infância em marcadores de identidade.

A DIVERSIDADE SOCIAL NA REALIDADE ESCOLAR NA VISÃO DAS PROFESSORAS

As entrevistas estruturadas foram realizadas com quatro participantes, todas do gênero feminino, docentes em escolas da rede pública de Natal-RN. Todas elas tiveram a formação inicial em pedagogia, duas delas tinham mestrado em educação, uma delas tem o doutorado, e a outra especialização em literatura e ensino. As idades variaram entre 31 e 49 anos; e o tempo de atuação na educação da infância ficou entre 2 anos e 29 anos de experiência. As perguntas específicas sobre a diversidade social e como ela se apresenta na realidade escolar, na visão das professoras estão organizadas nos quadros a seguir.

Quadro 1. Significado de diversidade social na infância

Para você, o que significa diversidade social na infância?
<u>Inclusão</u> de todas as crianças, independentemente de suas diversas condições.
<u>Acolhimento e respeito</u> às singularidades da infância.
Compreendo a diversidade social como a <u>pluralidade de experiências</u> complexas que compõem o campo social. Na infância, como nas demais fases da vida de um sujeito, se manifesta de diferentes formas, seja através da etnia ou raça, cultura, religião, hábitos, classe social, dentre outras.
Pra mim representa os diferentes aspectos que constituem as <u>realidades infantis</u> desde a classe social até os conceitos de criança assimilados por diferentes grupos.

Nas palavras das professoras, consideramos que elas expressaram de forma coerente uma compreensão social e educativa sobre a diversidade social na infância.



Termos como inclusão, acolhimento e respeito, pluralidade de experiências e realidades infantis, destacam claramente o percurso escolar e pedagógico que envolve a educação para a diversidade.

Quadro 2. Papel da escola da infância diante da diversidade social

Qual o papel da escola da infância diante da diversidade social?
A de ser <u>acolhedora, inclusiva e responsável</u> .
Fundamental. Deve contribuir com a reflexão para <u>formação de crianças</u> quanto a diversidade que encontrará nas relações. A formação sobre esse tema na infância contribui, e muito, para o comportamento das gerações futuras na convivência com a diversidade.
A escola desempenha um papel fundamental no <u>trabalho com a diversidade</u> social, visto que em um só espaço, convivem crianças com experiências e características próprias de suas culturas. O trabalho pedagógico realizado nesse campo, além de ampliar a percepção das crianças para aquilo que é diferente e por vezes desconhecido, promove o respeito às múltiplas realidades, através do estímulo à empatia e contribui para o fortalecimento de diversas culturas.
Entender essas diferenças e proporcionar condições às <u>mudanças necessárias</u>

Nas respostas das professoras também podemos perceber um encaminhamento educativo claro da escola da infância, desde os seus princípios até o resultado esperado com as crianças. Essa é lógica, se associarmos os seguintes termos ao papel da escola na educação da diversidade: acolhedora, inclusiva e responsável; formação de crianças; trabalho com a diversidade; e, mudanças necessárias.

Quadro 3. Temática da diversidade na formação inicial

Na sua formação inicial houve algum componente curricular que tenha abordado a temática da diversidade?
De forma breve, o componente sobre <u>currículo</u> .
O único contato na minha formação inicial foi com a disciplina de <u>Educação Especial</u> .
Durante a graduação tive a oportunidade de cursar uma disciplina optativa que tratava sobre identidade, gênero e educação. Nos encontros discutíamos diferentes aspectos que compõem o campo social. Na Iniciação Científica e nas experiências de docência assistida, também discutíamos a diversidade sob a ótica da <u>sociologia da educação</u> .
Nas disciplinas de <u>fundamentos filósofos</u> , entre outras, tratamos sim dos diferentes contextos educacionais e diferenças sociais.

Considerando-se a formação inicial das docentes, elas identificaram alguns dos



componentes curriculares nos quais foi abordada a temática da diversidade, ainda que de forma “breve” ou abrangente, como puderam ser tratadas em currículo, educação especial, sociologia da educação e fundamentos filosóficos. Embora essas sejam as áreas de conhecimento realmente que contribuam para os estudos sobre a diversidade, elas também são aquelas que têm tido uma crescente diminuição de carga horária e de valorização nos currículos dos cursos de formação de professores, conforme as orientações normativas das políticas educacionais têm determinado que os currículos deem mais atenção aos campos das práticas e estágios.

Quadro 4. Entendimento sobre diversidade após o curso de pedagogia

O seu entendimento sobre diversidade mudou de alguma forma depois de cursar pedagogia?
<u>Sim.</u>
Sim, mas mudou essencialmente com a prática, com a vivência e com o <u>contato com as situações reais</u> no contexto escolar.
Durante o curso, convivi com diferentes colegas que faziam parte de outros grupos sociais. Diria que essas <u>trocas de experiências</u> foram muito mais significativas para o meu entendimento acerca da diversidade, do que aquelas realizadas em sala.
Sim, nos <u>estudos e discussões</u> na UFRN tive a oportunidade de ampliar minhas percepções

Como podemos ver, durante o curso de pedagogia, um melhor entendimento sobre a diversidade aconteceu muito mais pelas oportunidades relacionadas com a própria prática dos estudantes (contato com situações reais, trocas de experiências, estudos e discussões), do que pela formação acadêmica direta.

Quadro 5. Promoção do tema da diversidade na escola

A escola que você atua promove ações que abordam o tema da diversidade? Se sim, como você percebe que essas ações repercutem no cotidiano das crianças?
<u>Não.</u>
Sim. Em <u>diferentes frentes</u> por meio de Núcleos (NAPNE/Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas; NEABI/Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, NUGEDI; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e reserva de vagas em processos seletivos.



Ao longo deste ano, sentindo a necessidade de trabalhar temas que envolvessem o cuidado com o outro, a equipe multi vem abordando a diversidade como chave para a superação de alguns conflitos presentes no cotidiano escolar. Em virtude da natureza do trabalho e de todo o histórico social por trás dos temas trabalhados, acredito que seja necessário tempo para que alguma mudança efetiva de fato aconteça. Mas podemos, por exemplo, observar algumas crianças com discursos mais empáticos após as atividades.

Sim, acredito que esses momentos coletivos favorecem mudanças significativas nas interações sociais entre as crianças e na percepção sobre si.

Pelo que declararam as professoras, apenas uma delas relatou que na escola não se promovia o tema da diversidade. Entretanto, somente em uma das escolas se mencionou formas mais organizadas para se apoiar o tema da diversidade com ações no cotidiano das crianças, como núcleos de atendimento e estudos. Enquanto, ainda que em duas escolas se reconheça a necessidade de se trabalhar o tema, assim como a importância de momentos coletivos, a promoção do tema da diversidade parece ser algo ainda indefinido.

Quadro 6. Desafios com a diversidade no ambiente escolar

Quais os desafios de se trabalhar com a diversidade no ambiente escolar?
Compreender cada uma e <u>buscar estratégias</u> .
Essencialmente as relações humanas diante da diversidade, mas também <u>falta de recursos e pessoal qualificado</u> .
É imprescindível que estudemos com profundidade os temas trabalhados, para que, sem querer, não perpetuam preconceitos enraizados em nossa sociedade. O maior desafio acredito que seja justamente esse: <u>romper com nossos próprios preconceitos</u> para, então, começarmos a propor uma mudança no outro.
O maior desafio é a construção do <u>ideal de respeito</u> pelo outro que se constitui diferente do idealizado pela sociedade.

Quanto aos desafios para se trabalhar com a diversidade na escola, somente uma das professoras entrevistadas mencionou o aspecto material mais evidente: a falta de recursos e pessoal qualificado. Enquanto as outras destacaram desafios mais culturais: buscar estratégias e os próprios preconceitos. Outro desafio, mais simbólico e até filosófico foi o de se perceber que o ideal de respeito da escola seria diferente daquele idealizado pela sociedade.

Quadro 7. Estereótipos e diversidade no ambiente escolar



Quais estereótipos você percebe que ainda existem quando se fala em diversidade no ambiente escolar?
As das <u>neuro divergências e racismo</u> .
De que aquele <u>aluno que não é capaz</u> e atrapalha os outros.
Vou citar um exemplo que aconteceu esse ano com crianças bem pequenas. Ao ler o livro "O pequeno príncipe negro", uma das crianças disse: mas o príncipe branco é mais forte! Depois disso, iniciamos uma conversa sobre essa fala, com todo o grupo. E percebemos que, apesar da pouca idade, a questão da <u>soberania da raça branca sobre a negra</u> ainda ocupa o imaginário social. Além disso, muitas outras questões que envolvem, sobretudo, o <u>capacitismo</u> , estão presentes no ambiente escolar.
Principalmente os ligados à <u>religião</u> (do bem e do mal); a "raça" (o <u>racismo</u> estrutural e a falta de consciência) e os ligados a <u>deficiência</u> (que tem se popularizado em xingamento tipo "vc é autista!")

Nas respostas das professoras sobre os estereótipos presentes na escola elas percebem o conhecido elenco dos preconceitos predominantes na sociedade brasileira: principalmente racismo e capacitismo, com somente uma menção à discriminação religiosa. E a educação para a diversidade na escola da infância visaria justamente a mudança dessa realidade discriminatória.

Quadro 8. Resolução entre as crianças de situações da diversidade na escola

Você acha que na escola as crianças podem resolver entre si as situações relacionadas à diversidade? Se sim, como você acha que aconteceria?
<u>Não</u> .
Sem dúvida. Por meio da vivência de <u>experiências mediadas</u> .
Acredito que nas trocas com seus pares, as crianças têm a possibilidade de conviver com o diverso, especialmente nas brincadeiras. Mas em alguns casos, é <u>fundamental a mediação</u> dos adultos presentes, direcionando as percepções e ampliando os entendimentos.
Acredito que elas podem ser orientadas a isso uma vez que para que haja transformação é necessário informações que sejam transformadas em conhecimento, logo acredito ser <u>fundamental a mediação</u> do professor.

Sobre a questão da resolução das situações da diversidade na escola, nenhuma das professoras entrevistadas considerou que potencialmente as crianças poderiam resolver somente entre si. De fato, as professoras declararam que, ao menos em alguns casos, seria fundamental a mediação docente.

Quadro 9. Estratégias das docentes para ajudar as crianças com a diversidade



Quais são as estratégias utilizadas por você para ajudar as crianças a compreender a diversidade e a resolver conflitos relacionados com ela?

Busco a organização de seus pensamentos para aprender a ser pensante numa sociedade alienada.

Como dito, procuro ouvir as crianças, identificar os temas sensíveis e buscar estratégias que me ajudem a solucionar os conflitos. Faço muito uso de leituras de livros, discussões em roda, miscigenação dos grupos de produção. Quando necessário, converso com as crianças individualmente. Cada situação exige um fazer personalizado.

As rodas de conversas e assembleia são caminhos de discussão que nos ajudam nesse processo

Obs.: uma das professoras respondeu que não atuava mais com crianças.

Por suas respostas, vimos que todas as professoras entrevistadas declararam que para ajudar com a diversidade na educação da infância buscam favorecer a organização dos pensamentos, a ouvir e conversar com as crianças e a usar formas participativas, como rodas de conversa e assembleia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todas as professoras mostraram ter um claro entendimento geral sobre o que significava a diversidade social na infância, assim como sobre o papel da escola nisso. Entretanto, relataram que no período da formação inicial o tratamento sobre o tema foi insuficiente, sendo que apenas uma das professoras disse ter cursado uma disciplina específica sobre a diversidade. Da mesma forma, um melhor entendimento sobre diversidade não resultou do curso de pedagogia, mas, sim, foi mais atribuído à vivência e prática na escola, ou ao contato com colegas.

De fato, ainda que com uma formação inicial insuficiente, as professoras acabaram tendo que enfrentar os desafios da diversidade no cotidiano das suas escolas. Inclusive, nesse processo, perceberam a necessidade de incluir as próprias crianças, relatando que nas “trocas com seus pares, as crianças têm a possibilidade de conviver com o diverso, especialmente nas brincadeiras”. Nessa perspectiva, todas perceberam a importância de se desenvolver estratégias nas escolas para ajudar as crianças com a diversidade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta as considerações feitas com base nas entrevistas das professoras pesquisadas, ficou evidente que as carências na formação inicial não as impediram de desenvolverem a familiaridade com a diversidade e com suas intersecções na escola da infância. Contudo, caso a prática docente com a educação da diversidade social fosse um dos eixos privilegiados pela formação para a escola da infância, os resultados poderiam ser mais efetivos e integrados diante das necessidades das nossas crianças.

Por sua vez, a Sociologia da Infância se apresenta como uma perspectiva atualizada de observar as infâncias e entendê-las a partir das próprias crianças, sem o olhar adultocêntrico que ainda prevalece nos contextos sociais, inclusive nas instituições escolares. Dessa maneira, a sociologia da infância, valorizando o olhar infantil e suas experiências inter e intrageracionais, poderia contribuir de forma significativa nos estudos e práticas relacionadas com a diversidade social na educação da infância.

REFERÊNCIAS

CORSARO, William. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FORMOSINHO, Júlia O.; FORMOSINHO, João. A formação como pedagogia da relação. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 51, p. 19–28, 2018. DOI: 10.21879/faeaba2358-0194.2018.v27.n51.p19-28. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/faeaba/article/view/4963>. Acesso em: 2 out. 2025.

QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade: e seus riscos. *Educação & Sociedade*, v. 31, n. 113, p. 1121–1136, out. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2025

SIROTA, Régine. Posições e disposições da sociologia da infância – Retorno ao processo de socialização. Tradução de Maria Amália de Almeida Cunha e Ione Ribeiro Valle. In: **A diferenciação social das crianças** - Investigando "sobre" e "nas" famílias. Paris: Editoras Universitárias de Vincennes, 2019.

